

PROTOFEMINISMO NO RENASCIMENTO ITALIANO PELA PENA DE ISOTTA NOGAROLA

PAULA CRISTINA PONTES RODRIGUES*

RESUMO

Atualmente, em muitos países ocidentais, as mulheres podem aceder à educação e gozar quase os mesmos direitos que os homens, no que concerne à sua vida social, profissional e política. Contudo, estas recentes conquistas femininas não foram conseguidas sem um custo e podemos encontrar as suas raízes nos discursos das mulheres letradas do Renascimento, as quais, seis séculos atrás, se atreveram a levantar a questão da igualdade e oportunidades femininas. Uma dessas mulheres foi Isotta Nogarola, uma das primeiras mulheres verdadeiramente cultas do Renascimento, a qual tentou seguir uma carreira académica nos círculos exclusivamente masculinos dos inícios do Humanismo. Enfrentando uma sociedade que não aprovava as aspirações femininas a uma carreira académica e literária ativa, Isotta Nogarola, atreveu-se a levantar a sua voz para provar que, de facto, os homens e as mulheres são iguais.

PALAVRAS CHAVE: Humanismo; Autoria feminina; Feminismo; Renascimento.

ABSTRACT

Nowadays, as in most western countries, women may access education and enjoy nearly the same rights as men regarding social, professional and political life. However, these recent female achievements did not come without a cost and we may find its roots in the speeches of Renaissance learned women, who, six centuries ago, dared to raise the question of female equality and opportunity. One of these women was Isotta Nogarola, one of the first truly erudite women of the Renaissance, who attempted to follow an academic career in the circles of the exclusively male beginnings of Humanism. Facing a society that did not approve of a woman's aspiration to an active academic and literary life, Isotta dared to raise her voice to prove that, in fact, men and women were equal.

KEYWORDS: Humanism, Women writers, Feminism, Renaissance.

* Mestre em História Medieval e Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Email: ppontes.rodrigues@gmail.com

O FENÓMENO DA MULHER LETRADA

Durante o Renascimento, assistiu-se em Itália ao surgimento de um novo fenómeno: o da mulher letrada, fruto de um entendimento do *ethos* que considerava o desenvolvimento intelectual e emocional imprescindível para criar o homem – e a mulher – perfeitos, e que produziu toda uma nova geração de mulheres cultas, sofisticadas e determinadas, oriundas das classes superiores.

No entanto, as poderosas famílias italianas, das quais essas mulheres letradas provinham, não esperavam que estas tivessem uma vida académica e literária ativa. Em suma, não se esperava que estas mulheres “pensassem em público”¹.

Houve, no entanto, um pequeno número de mulheres, as quais, numa época pouco favorável àquelas que tentavam escrever algo mais do que versos, se atreveram a transgredir as regras do silêncio imposto ao seu género, enfrentando a solidão e o desprezo de uma sociedade que não lhes queria dar voz.

SILÊNCIO VIRTUOSO OU VIRTUDE SILENCIOSA: O DEBATE ENTRE A ELOQUÊNCIA E A CASTIDADE

São, de facto, poucas, as autoras femininas que se conhecem antes do despontar da idade moderna e isso deve-se fundamentalmente a três motivos. Primeiro, elas raramente recebiam a educação necessária que lhes permitisse escrever. Em segundo lugar, as mulheres não tinham acesso a funções públicas, o que lhe poderia proporcionar o conhecimento acerca do tipo de assuntos que o público literato gosta de ler. Por último, a cultura impunha o silêncio às mulheres, considerando a fala impúdica, uma forma de falta de castidade, alicerçada na antiga tradição, que desde a Grécia clássica, passando por Roma e pelo cristianismo eclesiástico, sustentava a teoria aristotélica de que “a mulher se deveria adornar com o silêncio” (Alberti, 1994: 45). Em face destas limitações, é extraordinário que alguma ainda se tivesse atrevido a escrever, e aquelas que o fizeram antes do século XIV, foram quase sempre freiras ou religiosas, cujo isolamento tornou as suas declarações mais aceitáveis.

¹ Em 1424, numa carta endereçada a Battista da Montefeltro Malatesta dando-lhe conselhos para a prossecução dos seus estudos humanistas, Leonardo Bruni, o chanceler humanista de Florença, excluía do seu curriculum uma única disciplina humanista: a retórica. Segundo Bruni, seria uma perda de tempo estudá-la pois uma mulher “nunca veria o fórum” (Bruni D’Arezzo, 1912)

Desde a Antiguidade que a cultura tradicional europeia considera a castidade como a quintessência da virtude feminina, contrastando com a coragem, generosidade ou liderança, usualmente consideradas as virtudes características do homem. Por outro lado, os detratores das mulheres acusam-nas de luxúria, gerando nestas e nos seus defensores sentimentos de revolta e a necessidade de provar a sua capacidade de permanecer casta. Esta exigência da castidade feminina serviu, ao longo dos tempos, para manter as mulheres em casa, isolando-as e silenciando-as, vedando-lhes o acesso à educação e mantendo-as na ignorância (King & Rabil Jr., 2004: XXVI).

Na Europa renascentista, a reivindicação da palavra por parte das mulheres também tinha uma conotação sexual, pois através da fala a mulher podia seduzir o homem, tal como Eva seduziu Adão. Assim, uma mulher honesta falava pouco, sendo o excesso discursivo sinónimo de falta da castidade. Uma mulher que falava muito era considerada uma mulher indecente, sensual, lasciva ou imoral. As bruxas, por exemplo, eram frequentemente acusadas de falar abusivamente, irracionalmente, ou simplesmente, demasiado (King & Rabil Jr., 2004: XXVIII).

Esta tenebrosa associação entre a erudição e a imoralidade, levaria a que muitas mulheres letradas escondessem a sua instrução, ou em alternativa, proclamassem uma castidade heroica exagerada. Mas, se as mulheres letradas foram perseguidas com suspeitas de má conduta sexual, as mulheres que procuravam instrução enfrentavam um obstáculo ainda mais assustador: a suposição de que as mulheres eram, por natureza, incapazes de aprender, que o raciocínio era uma aptidão essencialmente masculina.

Para quê, então, educar as mulheres? Paradoxalmente, a nossa investigação concluiu que a finalidade dessa educação não residia na formação de mulheres letradas, independentes e plenamente conscientes das suas potencialidades e capacidades intelectuais, que pudessem reivindicar uma carreira académica compatível com o seu nível de conhecimentos, mas sim na produção de meninas prodígio que pudessem servir os propósitos das suas famílias, tornando-se símbolos do prestígio das suas linhagens (Parker, 2007: 3). Assim, apesar das severas restrições impostas às mulheres letradas acerca de falar em público, é precisamente aí que as encontramos: discursando pública e formalmente em latim, para chefes militares, reis e papas, ou seja, usando o “latim como instrumento de Estado” para fins de intervenção política, ou exibidas com se fossem aves raras para

ostentação da magnificência da sua genealogia.

Numa sociedade em que a tradição aristotélica ² da inferioridade feminina³ se encontrava fortemente enraizada, verificasse assim que a notoriedade alcançada por estas mulheres cultas se deveu mais à sua raridade como mulheres, do que propriamente ao reconhecimento do seu valor como intelectuais.

Cumprido o seu papel e ultrapassado o limite de idade em que a sua precocidade pudesse surpreender e encantar os poderosos, essas meninas, então já mulheres, retornariam ao papel que desde tempos imemoriais lhes estava destinado: assegurar a continuidade da sua linhagem e aumentar o património e a riqueza das suas famílias, estabelecendo alianças vantajosas com outras famílias nobres. E uma vez casadas, sujeitas à tutela e subordinadas à vontade dos seus maridos, estas mulheres acabariam inevitavelmente por perder a sua voz (Parker, 2007: 3).

HUMANISMO FEMININO

As humanistas femininas italianas do século XV foram uma exceção. Isotta Nogarola, Cassandra Fedele e Laura Cereta, entre outras, irão dar provas do mérito feminino, repudiando os textos misóginos que hostilizavam abertamente as mulheres e produzindo obras que evidenciam a dignidade das mulheres e atestam as suas capacidades intelectuais.

No início do *Quattrocento* o interesse na aprendizagem clássica que viria a ser conhecido como Humanismo espalhou-se a partir de Florença para o norte da Itália, chegando às cortes principescas, assim como à republicana Veneza e às cidades do continente por ela controladas. Assistiu-se igualmente à entrada das mulheres nos círculos culturais, através da aprendizagem do latim e participando nos programas de estudos humanistas. No entanto, os humanistas eram maioritariamente do sexo masculino, pois as mulheres elas não eram livres para participar na vida pública (King, 2003: 85).

Numa época em que a educação feminina estava direcionada para lhes transmitir valores de castidade, decore, obediência e

²Para Aristóteles a mulher era “como um homem defeituoso”, “sendo mulher por lhe faltar faculdades” (*De gener. anim.*1,19,726be) e sendo inferior por natureza é também, por isso “súbdita e escrava” (*Política* 1,2,1252). (Aristóteles, cit. por Rius Gatell, 1992).

³“*Ens minus* cuja missão consistia basicamente em perpetuar a vida e criar os filhos, fiar e tecer; propriedade do homem, do mesmo modo que eram os filhos, o cão, os animais, os campos e as colheitas” (vide Rius Gatell, 1992: 71).

silêncio, o simples facto de haver mulheres capazes de exprimir ideias próprias afigurava-se como um ato de rebeldia e essa ousadia pagava-se muitas vezes com a ostracização. As primeiras mulheres que se conhecem, que se envolveram em atividades humanistas, pertenciam à pequena nobreza associada às cortes e às cidades do norte da Itália. Eram mulheres que tinham fortuna e tempo livre para estudar, e que estavam protegidas, pela sua condição social, das críticas com que a mulher comum poderia se ter deparado.

Antes da viragem para o século XV, Maddalena degli Scrovegni (1356-1429), uma mulher pertencente à nobreza de Pádua, ficou conhecida pelo seu conhecimento da literatura latina e pela sua participação em discussões com os *litterati* que frequentavam a casa do seu pai. Maddalena é uma das primeiras figuras da tradição renascentista de mulheres humanistas. Tal como muitas das suas sucessoras, as suas expectativas nunca foram cumpridas e as suas ambições – se as teve – nunca foram realizadas (King, 1981: 104). Porque motivo? Nunca o saberemos, mas é possível que o tributo prestado por António Loschi à sua castidade tenha tido alguma responsabilidade, ao travar as suas ambições intelectuais. A obra de Loschi *Domus pudicie*, vulgarmente conhecida por *Templo da Castidade*, e que o autor dedicou a Maddalena, constitui um dos primeiros marcos para definir a figura da mulher letrada do Renascimento italiano. E ao defini-la, limitou-a.

A associação da castidade com a inteligência e a força viril tornou-se a visão típica das mulheres letradas do Renascimento, por parte dos humanistas. Esta imagem expressa o respeito que os humanistas lhes tinham, mas também o receio, e em resposta a esse receio, o desejo de as conter através de rígidas exigências de castidade (King, 1981: 105-108).

De igual modo, Constanza Varano (1428-1447) era suficientemente versada em latim, para demonstrar o seu domínio desta língua quando contava apenas 14 anos, discursando publicamente em 1442, a favor do seu irmão Rodolfo, perante o Duque de Milão, Francesco Sforza. O pai de Constanza, Piergentile da Varano, tinha sido executado em 1433, durante uma disputa familiar pelo controlo da cidade de Camerino, tendo os seus bens sido confiscados.

Uma das características mais fascinantes de Constanza Varano foi o uso do seu domínio do latim como “instrumento de Estado” tal como já o tinha feito a sua avó Battista Montefelro Malatesta. Ela proferiu os seus discursos e declamou os seus poemas perante uma audiência, servindo-se da sua influência para conseguir

a devolução de terras e títulos ancestrais (Parker, 2002b: 32).

Com efeito, Battista Montefeltro Malatesta (1383-1450), filha dos senhores de Urbino tinha recorrido aos seus conhecimentos de latim para discursar publicamente em 1433, quando o Sacro Imperador Romano, Segismundo, passou por Urbino, para exigir dos poderosos o cumprimento das promessas feitas à sua família (King, 2003: 86).

Oriunda de uma importante família de Brescia, Laura Cereta (1469-1499) foi uma das mais empenhadas defensoras das mulheres, em especial das escritoras. Tendo enviuvado cedo, isso permitiu que dedicasse toda a sua atenção aos estudos humanistas, demonstrando a sua competência para proferir discursos e escrever cartas, as quais iriam mais tarde circular amplamente. Estas atividades iriam ser fortemente criticadas, não só por parte dos homens, como também pelas mulheres. Em resposta, Cereta defendia as aptidões femininas para o estudo e louvava os benefícios da educação, encorajando outras mulheres a trilhar o “longo e duro caminho do conhecimento”. É particularmente significativa uma das suas cartas, que reflete as dificuldades sentidas pelas mulheres letradas para serem reconhecidas como intelectuais, numa sociedade que não lhes dá qualquer apreço, e onde, entre os seus críticos se incluía o seu próprio género. Na sua “*Epistola a Lucília Vernácula*”, Laura Cereta, ridiculariza as mulheres sem instrução que criticam as mulheres cultas, salientando que o seu comportamento não só prejudica todo o sexo feminino, como também a elas próprias. De notar que Cereta se refere a estas mulheres, como alguém que só fala a língua vulgar (vernácula), daí a utilização irónica do apelido “Vernácula” (Cereta, 1992: 295).

De um modo geral, as suas cartas refletem os valores de uma mulher que se dedica ao estudo e tem de lutar contra as pressões sociais ao fazê-lo. Elas constituem uma das afirmações mais fortes do intelecto feminino e do “direito” das mulheres para se dedicarem aos estudos humanistas, que pode ser encontrado entre as mulheres letradas do *Quattrocento*.

Cassandra Fedele (1465-1558) foi outra grande humanista italiana do Renascimento. Proveniente de uma família de intelectuais veneziana da classe média, a sua atividade intelectual desenrolou-se sobretudo antes de casar e após enviuar e, tal como as suas antecessoras, centrou-se no género humanista mais usual, que privilegiava as cartas e os discursos. É particularmente impressionante o seu discurso proferido diante do *doge* e do senado veneziano em louvor das artes liberais, sobretudo se levarmos em

linha de conta que se trata de uma mulher que sai em defesa do programa humanista. Para a audiência desse dia, deve ter sido extraordinário assistir ao discurso de uma mulher – num local onde elas virtualmente nunca apareciam – falando acerca de tais matérias.

Cassandra Fedele foi provavelmente a humanista que maior notoriedade alcançou no seu tempo, fama essa que ultrapassou incluso as fronteiras da sua pátria. O seu pai, o seu avô e o seu bisavô pertenciam a uma genealogia de humanistas que gozava de uma notória reputação pelo seu conhecimento, e que ostentavam o estatuto de *cittadini originari*. A sua família detinha importantes posições, e a ascensão na carreira dependia não só da competência, mas também do apoio de patronos (King, 2005: 546).

Para Ângelo, o pai de Cassandra, a inteligência da sua filha representava um poderoso instrumento para a sua própria ascensão nos círculos intelectuais e conseqüente busca de reconhecimento. Assim, a refinada educação que proporcionou à filha, treinando-a nas artes humanistas, almejava transformá-la num símbolo do prestígio da sua própria família. Cassandra estudou latim e grego com o teólogo e humanista Gasparino Borro, sendo-lhe até mesmo permitido dar prioridade a esses estudos sobre a aprendizagem das lides domésticas, que usualmente constituíam a educação das jovens venezianas. Com a idade de doze anos, a jovem já dominava o latim, retórica, história, alguns elementos de filosofia, e aquilo que seria sem dúvida a leitura mais apropriada para uma mulher letrada: os estudos sagrados.

A sua jovem carreira foi pontuada por várias aparições públicas, tais como o discurso proferido na Universidade de Pádua, para o povo de Veneza e perante o *doge*, Agostino Barbarigo. Juntamente com o seu orgulhoso pai, Cassandra, que tinha conquistado os favores do *doge*, tornou-se convidada habitual dos banquetes por ele oferecidos, onde tinha a oportunidade de brilhar no meio do círculo de intelectuais, poetas e escritores venezianos.

Quando atingiu uma idade – trinta e três anos – em que já não podia causar admiração pela sua precocidade, aliada à sua beleza e talento, como a *decus Italiae virgo* elogiada por Poliziano, Cassandra deixou de ser útil para os objetivos do clã Fedele. O seu pai tratou de a casar com um jovem físico de Vicenza, amigo da família, pondo assim fim à sua produção intelectual (King, 1976: 297).

Olympia Morata (1526-1555) a filha de um conselheiro humanista do duque de Ferrara, recebeu instrução em latim e grego, ministrada pelo próprio pai numa idade muito precoce. Em 1550 abandonou a corte de Ferrara, perseguida pela Inquisição

devido às suas crenças protestantes, tendo casado com Andreas Grunthler um físico alemão convertido ao luteranismo, com o qual fugiu para a Alemanha, onde continuou a ler, escrever e até mesmo a ensinar em grego (Parker, 1997: 269). Faleceu em consequência de uma enfermidade, provavelmente tuberculose, contraída durante o cerco de Schweinfurt, um dos incidentes da guerra religiosa em que a Europa se encontrava então mergulhada. Os seus trabalhos seriam publicados postumamente (já então na era da imprensa) por um acadêmico, amigo da sua família.

ISOTTA NOGAROLA: UMA PROTOFEMINISTA NO RENASCIMENTO ITALIANO

Nascida em Verona, em 1418, Isotta Nogarola era originária de uma família nobre que partilhava um interesse comum pela cultura e que mantinha uma forte tradição de educação das suas filhas, tendo produzido mulheres letradas ao longo de várias gerações. Antónia, uma patricia Nogarola do século XIV, alcançou uma tênue reputação literária⁴ e Ângela Nogarola, irmã do pai de Isotta, Leonardo, foi uma poetisa com alguma notoriedade. Conhece-se da sua autoria vários poemas que demonstram não só os resultados de uma esmerada educação humanista, mas também o conhecimento de muitas das mais poderosas figuras políticas do seu tempo. A produção literária de Ângela não se limitou a breves versos relacionados com a política contemporânea, pois ela foi igualmente a autora de uma obra em latim de considerável dimensão: o seu *Liber de Virtutibus* (Stevenson, 2010: 159).

Isotta e as suas irmãs, Ginevra e Laura, aprenderam latim e grego numa idade precoce, sob a orientação de Martino Rizzoni, aluno Guarino Veronese, um dos mais respeitados poetas e humanista italianos do seu tempo. Após um início promissor, Ginevra casou, em 1438, e aparentemente terá cessado de escrever.

Na Renascença italiana, o problema com a atividade intelectual das mulheres casadas – para além da presunção masculina em que deveria haver uma eventual ligação entre a aprendizagem e a virgindade – está também associado com a quantidade de trabalho que se esperaria de uma dona de casa. No

⁴Filha de Zanfredo Nogarola e Paola Boncarri, nasceu em 1308, aprendeu latim e grego e casou em 1328. Alegadamente terá escrito em prosa e verso, tendo alcançado alguma celebridade como escritora, apesar de que, da sua obra, nada sobreviveu até aos nossos dias (Stevenson, 2010: 156).

caso de Ginevra, o facto de se encontrar debilitada pelas sucessivas gestações, criando cinco filhos que certamente lhe ocupavam todos os seus recursos pessoais, permite-nos concluir que não lhe sobraria tempo nem energia para prosseguir os seus estudos pessoais⁵.

A carreira académica de Isotta Nogarola começou brilhantemente: aos 18 anos já era famosa. Os seus conhecimentos e a sua eloquência em latim eram exaltados por humanistas e príncipes. Contudo, cinco anos mais tarde, com apenas vinte e três anos, Isotta renunciou ao humanismo secular para se dedicar ao estudo das escrituras sagradas. Recusando-se a casar e comprometendo-se a uma virgindade perpétua, esta humanista quatrocentista viu-se coagida a viver em reclusão por uma sociedade hostil à criatividade feminina. No entanto, continuaria a criar até à sua morte.

São as numerosas cartas escritas por Isotta e pelos seus correspondentes, entre 1434 e 1439, que atestam o seu percurso literário, permitindo-nos obter uma visão da sua vida e da sua fama crescente entre os círculos humanistas de Verona e Veneza. E terá sido provavelmente essa notoriedade, incomum numa mulher, que terá desencadeado a inveja que deu origem ao episódio mais cruel e indigno da sua carreira.

Em meados de 1439, uma sátira anónima, assinada com um pseudónimo clássico – “*Plinius Veronensis*” – circulou em Verona e em Veneza, atacando a moralidade das mulheres letradas. No panfleto, o seu autor acusava Isotta de promiscuidade e de incesto com o seu irmão Ludovico, afirmando mesmo que “uma mulher eloquente nunca é casta!” (Nogarola, 2004: 69).

A intenção desta calúnia poderá ter sido política: no conflito vigente entre Milão e Veneza, a família Nogarola tinha tomado partido a favor de Veneza. Estas acusações nunca foram mencionadas nas obras de Isotta, mas a circulação dessa sátira foi suficientemente extensa para que um humanista veneziano, Niccolo Barbò – um dos correspondentes de Nogarola – ,se sentisse na obrigação de responder ao panfleto de “*Plinius*” antes do final do ano. Barbò declarou que as calúnias de que Isotta tinha sido alvo

⁵Laura Cereta revela numa carta enviada a Sigismondo de Bucci, advogado de seu pai: “Eu não tenho qualquer tempo livre, nem mesmo para respirar... Não tenho nenhum tempo disponível para gastar com os meus livros a menos que trabalhe produtivamente durante a noite e durma muito pouco...” (Diana Robin, “Women, Space and Renaissance Discourse”, in Gold, Miller, and Platter (eds.), *Sex and Gender*, pp. 176-177 cit. por Stevenson 2010: 165).

eram falsas e fruto da inveja, formando parte do pensamento misógino vigente na época em Itália (Segarizzi, 1904: 49).

Em defesa de Isotta levantaram-se também as vozes de outros humanistas como Panfilo Sasso , Zavarise nella Pantea , Antonio Lazise e o amigo de Laura Brenzona , António Panteo . Igualmente, duas humanistas femininas, Clara Lanzavegia e Constanza Varano, escreveram apoiando-a. Esta última afirmaria que Isotta não só havia ultrapassado em erudição as mulheres cultas da Antiguidade, como mesmo os homens mais cultos do seu tempo (Nogarola, 1886, vol II: 7)⁶.

Face à monumental tarefa de tentar desenvolver a sua formação humanista sem ser considerada sexualmente desonesta, Isotta optou por renunciar à vida pública. Assim, em 1441, abandonou o humanismo secular e dedicou-se ao estudo das sagradas escrituras e de outras obras religiosas, magoada pelo facto de se sentir uma estranha na sociedade humanista masculina, onde uma “mulher teria que se tornar um homem”⁷ para ter sucesso.

Entre as opções tradicionais que se apresentavam então para as mulheres da sua classe – o casamento ou o convento – Isotta não escolheu nenhuma delas, optando por viver afastada da vida pública, mas no seu próprio espaço, numa espécie de retiro religioso, confinada àquilo que Margaret King, a sua “biógrafa”, designou por “*book-lined cell*”, algo como uma cela de prisão autoconstruída, repleta de livros (King, 1980).

Em 1451, Isotta conhece Ludovico Foscarini, um diplomata veneziano que tinha vindo para Verona como governador. Eles dão início a uma amizade que iria durar até à morte de Nogarola. Foi Foscarini quem assumiu o papel de interlocutor na principal obra de

⁶ Muitas destas humanistas mantinham entre si relações epistolares. Constanza Varano correspondia-se com Cecilia Gonzaga, Bianca Maria Visconti, e como é óbvio, Isotta Nogarola. Por outro lado, Cassandra Fedele correspondia-se com Alessandra Scala e com as mulheres da corte aragonesa, em especial com Leonor de Aragão e com a sua filha Bianca D'Este (Arriaga Floréz, 2013: 13).

⁷ Durante uma troca de correspondência mantida em 1437 com Guarino Veronese, Isotta queixou-se que era desprezada pelos homens pelo simples facto de ser mulher. Veronese respondeu-lhe, aconselhando-a a abandonar uma atividade que não era adequada para o seu sexo e a casar-se, ou, em alternativa, a dissociar-se do seu sexo e a cultivar a sua alma masculina, ou seja, a “tornar-se um homem”, para assim poder ser aceite nos círculos intelectuais humanistas (Guarino Veronese, 1915-1919, vol. 2: 307). Muitos anos mais tarde, Lauro Quirini, em termos semelhantes, associaria masculinidade com grandeza, felicitando Isotta por ultrapassar a sua própria natureza sexual, alcançando a verdadeira virtude que apenas os homens possuiriam (King, 1978: 808).

Isotta: *De pari aut impari Evae atque Adae peccato*⁸, também conhecida por *Diálogo de Adão e Eva*, onde Isotta usa um tópico de debate convencional – qual dos dois, Adão ou Eva, tem maior responsabilidade na sua expulsão do Paraíso – para afirmar que as mulheres são iguais aos homens.

O debate que suporta esta obra remete para o mito de Eva, ou o mito do pecado original, construído como modelo de legitimação da dominação masculina. Assim, no *Diálogo de Adão e Eva*, Isotta Nogarola irá debater a culpabilidade de Eva, expondo a hipocrisia daqueles que quiseram rotular a mulher como um ser irracional e imperfeito, mas, simultaneamente, capaz de conduzir Adão ao pecado original.

Usando os preconceitos masculinos sobre a suposta inferioridade da mulher, Isotta construiu a defesa de Eva, argumentando que a sua ignorância e a fraqueza de espírito a faria menos pecadora do que Adão, pois não podia ser considerada responsável pelos seus atos. Ao alegar uma suposta inferioridade feminina para desresponsabilizar Eva, Isotta obriga Foscarini a reconhecer que, como seres humanos, o homem e a mulher são iguais.

Composta por um vasto leque de trabalhos, que abrangem os quatro géneros literários populares entre o universo humanista do *Quattrocento* – a epístola, o diálogo, o discurso e a *consolatio* – a obra de Isotta Nogarola atesta a sua extraordinária erudição, as suas capacidades literárias e a profundidade do seu pensamento.

A sua obra-prima, o *Diálogo de Adão e Eva*, é considerada como uma das obras mais importantes escritas por uma mulher no início da era moderna, onde a autora confronta diretamente os paradoxos da condição feminina na época em que viveu, de um modo original e ousado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenómeno do humanismo feminino no Renascimento italiano é limitado, pois apenas uma escassa dúzia de mulheres pode ser convenientemente identificada com o humanismo, mas a sua importância é indiscutível.

Com exceção de Christine de Pizan, as humanistas italianas contam-se entre os primeiros autores de qualquer época ou género, que tornaram pública a questão da capacidade feminina para adquirir educação, assim como para a total participação das

⁸Do igual e desigual pecado de Adão e Eva (tradução da autora).

mulheres em todas as atividades humanas. As suas ideias espalhar-se-iam durante os séculos XVI e XVII, tendo alcançado a era moderna e continuado a fluir através da corrente feminista.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Leon Battista. *I Libri della famiglia*, 1434. Edición moderna de Ruggiero Romano. Alberto Tenenti, 1994.

ARRIAGA FLORÉZ, Mercedes. *Isotta Nogarola, Quién pecó más Adán o Eva?*, traducción castellana de Juan Aguilar González, Sevilla: ArCiBel Editores, S.L., 2013.

BRUNI D'AREZZO, Leonardo. De studiis et litteris. In: WOODWARD, W.H. *Vittorino da Feltre and Other Humanist Educators*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 119-133, 1912.

CERETA, Laura. Letter to Lucilia Vernacula: Against Women Who Disparage Learned Women. In: BARTLETT, Kenneth R. (ed.) *The Civilization of the Italian Renaissance*. Lexington: D. C. Heath & Company, 1992.

GUARINO VERONESE. *L'epistario di Guarino Veronese*. SABBADINI, Remigio (ed.), 3 vols. Venice: Deputazione di Storia Patria, 1915-1919.

JARDINE, Lisa. Isotta Nogarola: Women Humanists – Education for What? *History of Education*, Nr. 12, pp. 231-244, 1983.

KING, Margaret L. Book-Lined Cells: Women and Humanism in The Early Italian Renaissance. In: LABALME, Patricia (ed.), *Beyond Their Sex: Learned Women of the European Past*. New York and London: New York University Press, pp. 66-90, 1980.

KING, Margaret L. Goddess and Captive: Antonio Loschi's Poetic Tribute to Maddalena Scrovegni (1389), Study and Text. In: CLOGAN, Paul Maurice (ed.) *Medievalia et Humanistica*, New Series, Nr. 10. Totowa, NJ: Rowman and Littlefield, pp. 103-127, 1981.

KING, Margaret L. Petrarch, the Self-Conscious Self, and the First Women Humanists. *Journal of Medieval and Early Modern Studies*, 35-3, pp. 537-558, 2005.

KING, Margaret L. The Religious Retreat of Isotta Nogarola (1418-1466): Sexism and Its Consequences in the Fifteenth Century. *Signs*, Vol. 3, Nr. 4, pp. 807-822, 1978.

KING, Margaret L. *The Renaissance in Europe*. [London]: Laurence King, 2003.

KING, Margaret L. Thwarted Ambitions: Six Learned Women of Italian Renaissance. *Soundings: An Interdisciplinary Journal*, Nr. 59, pp. 280-304, 1976.

KING, Margaret L. & RABIL Jr., Albert. The other voice in Early Modern

Europe: Introduction the Series. In: NOGAROLA, Isotta, *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by KING, Margaret L. and ROBIN, Diana. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

NOGAROLA, Isotta. *Complete writings: letterbook, dialogue on Adam and Eve, orations*, edited and translated by KING, Margaret L. and ROBIN, Diana. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

NOGAROLA, Isotta. *Isotæ Nogarolæ Veronensis opera quae supersunt omnia: accedunt Angelæ et Zeneveræ Nogarolæ epistolæ et carmina*, ABEL, Eugenius (ed.) 2 vols. Viena: apud Gerold & Cie; Budapest, apud Fridericum Kilian, 1886.

PARKER, Holt N. Angela Nogarola (ca. 1400) and Isotta Nogarola (1418-1466): Thieves of Language. In: CHURCHILL, Laurie, BROWN, Phyllis R. and JEFFREY, Jane E. (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*. New York: Routledge, pp. 11-30, 2002a.

PARKER, Holt N. Constanza Varano (1426-1447): Latin as an instrument of State. In: CHURCHILL, Laurie, BROWN, Phyllis R. and JEFFREY, Jane E. (eds.), *Women Writing Latin from Roman Antiquity to Early Modern Europe*, Vol. 3: *Early Modern Women Writing Latin*. New York: Routledge, pp. 31-53, 2002b.

PARKER, Holt N. Latin and Greek Poetry by Five Renaissance Italian Women Humanists. In: GOLD, Barbara K., MILLER, Paul Allen and PLATTER, Charles (eds.), *Sex and Gender in Medieval and Renaissance Texts: The Latin Tradition*. Albany: State University of New York Press, pp 247-286, 1997.

PARKER, Holt N. The magnificence of learned women, *Viator* 38(2): pp. 263-289, 2007.

RIUS GATELL, Rosa. Isotta Nogarola: una voz inquieta del Renacimiento, *Filosofía y género*, Org. Fina Birulés. Barcelona: Pamiela / Facultad de Filosofía de la Universidad de Barcelona, pp. 65-91, 1992.

SEGARIZZI, Arnaldo, Lauro Quirini, umanista veneziano del secolo XV, *Memorie della R. Accademia delle Scienze di Torino*, ser. 2, tomo 54, parte 2, 1904.

STEVENSON, Jane. *Women Latin poets: language, gender and authority from antiquity to the eighteenth century*. Oxford: Oxford University, 2010.

Recebido em 20/12/2016

Aprovado em 01/10/2017

